



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

EXISTE UM MÉTODO CIENTÍFICO PARA PESQUISAS FEMINISTAS? DISCUSSÕES A PARTIR DA LITERATURA CIENTÍFICA

Arles Monaliza Rodrigues Nascimento; Benedito Medrado; Edna Granja; Juliana Keila Jeremias da Silva

Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal de Pernambuco; UniFBV; Universidade Federal de Pernambuco

Monalzarodriguesnascimento@outlook.com; Beneditomedrado@gmail.com; ednagranja@gmail.com; juliana.k.jeremias@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo promover uma discussão sobre procedimentos metodológicos em pesquisas que se orientam a partir de perspectivas feministas. Com base em revisão sistemática da literatura, sinalizamos inicialmente a importância de falar sobre feminismo no plural, uma vez que o feminismo contemporâneo é constituído por objetos, vozes e marcadores sociais, como raça, classe e sexualidade. Da mesma forma, destaca-se a pluralidade dos modos de fazer ciência a partir de uma abordagem feminista, pois existem formas plurais de se produzir conhecimento, que podem ser comuns às metodologias feministas. O compromisso ético-político com transformações sociais e a defesa de saberes que são situados são os principais meios metodológicos de um saber feminista, pois contestam a consagração de uma ciência tradicional que exige objetividade e neutralidade na produção de conhecimento. A investigação feminista também se preocupa com a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a, pois entende que se os poderes se apresentarem de forma desigual nesta relação, esta pode ser uma via de manutenção de opressão e desigualdades. Importa destacar que ao pesquisar através da perspectiva feminista, se reconhece as desigualdades de gênero, entendendo-as como constituinte das relações, por via do poder. Ao propor uma discussão sobre metodologias feministas, traremos não uma delimitação do que vem a ser o método feminista, mas sim aspectos importantes a serem considerados ao fazer pesquisa feminista, que sejam consonantes com uma forma crítica de produção de saberes e um debate inacabado do que vem a ser conhecimento.

Palavras-chave: Feminismo; Metodologias; Pesquisas;

Introdução:

Ao longo dos anos, presenciamos o crescimento e o desenvolvimento de pesquisas que se utilizam de uma matriz teórica feminista e se auto-intitulam como feministas, sobretudo a partir de discussões significativas de autoras que se propõem a contestar uma ciência androcêntrica obcecada pela verdade e pela objetividade,

como fez Donna Haraway, por exemplo (1995).

Em seu texto sobre *saberes localizados*, marcado fortemente pelo intento de desconstrução do legado de absoluta verdade e objetividade da ciência que, à época, era ainda mais fortemente ocupada por homens, ocupou-se em defender um projeto de ciência feminista ligado à



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

reflexividade e à criticidade (HARAWAY, 1995).

Hoje, mais de duas décadas após a publicação de seu texto, pesquisadoras/es feministas de diversas partes do mundo seguem seu legado e apostam neste projeto de ciência, que segue disposta a não colaborar com pesquisas generalistas, compreender os processos e as relações de poder que nos permeiam.

Pensando nisto, nós, integrantes do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA), reconhecemos a necessidade de discutir sobre a investigação feminista e os métodos utilizados nestas pesquisas.

Apresentaremos, desta forma, os resultados dos nossos esforços em promover uma discussão sobre procedimentos metodológicos em pesquisas que se orientam a partir de perspectivas feministas

Aproximações entre as pesquisas feministas

As metodologias de pesquisa feminista estão ligadas as lutas feministas em determinados momentos históricos. Por isso, não há uma metodologia especificamente feminista. Os assuntos que são importantes para o feminismo em diferentes momentos históricos, sociais e

políticos influenciam ideias sobre metodologia e os tipos de pesquisa que se realizam (BURNS; CHANTLER, 2011).

Os estudos voltados às metodologias da pesquisa feminista surgiram do movimento de libertação das mulheres durante o Feminismo de segunda onda (a partir de 1945). Foi nesse período que se passou a contestar as formas tradicionais de produção de conhecimentos, através do argumento de que até então as experiências das mulheres tinham sido excluídas das pesquisas e quando foram incluídas havia sido com o propósito de manter as desigualdades nas relações de gênero (BURNS; CHANTLER, 2011).

Para Márcia Tiburi (2018), se observarmos o lugar das mulheres na formação dos textos que fazem parte da história será fácil compreender que os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. A mesma autora explicita que:

É verdade que, em um contexto democrático, pressupõe-se que todos podem falar. No entanto, os caminhos da fala, bem como os da produção de discursos e os meios de comunicação, pertencem as elites econômicas, que vivem no contexto dos privilégios de raça, gênero, sexualidade, plasticidade, idade e classe social. Fora do sistema de privilégios a expressão é contida, ela é econômica e politicamente administrada (TIBURI, 2018, p. 57).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Segundo bell hooks (1995), o patriarcado capitalista com supremacia branca atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, pois torna o domínio intelectual um lugar interdito.

Quando essa leitura é feita a partir da intersecção entre gênero e raça, percebe-se que no Brasil, os intelectuais negros, dos séculos XIX e XX, eram esquecidos ou não reconhecidos, as mulheres negras, por sua vez, eram invisíveis como intelectuais e em todos os outros aspectos (PACHECO, 2011).

Segundo Ana Cláudia Pacheco (2011), surgiram muitos estudos e pesquisas acadêmicas sobre as mulheres negras nas últimas décadas. Entretanto, o reconhecimento e a legitimação das intelectuais negras nas academias brasileiras continuam marginalizadas.

Por isso, inspiradas/os nas discussões de Martha Narvaz e Sílvia Koller (2006) destacamos a necessidade de compreender o feminismo como um movimento e uma ciência plural, constituída por diversos posicionamentos e teorias, o que torna-o um campo multidisciplinar e interdisciplinar.

Em meio a essa pluralidade, algumas características comuns à uma investigação feminista podem ser identificadas. Maria

Pereira e Ana Santos (2014) destacam o poder e a importância da relação entre as/os participantes de uma pesquisa e as/os investigadores, que, ao contrário do que propõe a ciência tradicional, não “contamina” os resultados, pelo contrário, é potencializador e vital para o processo de pesquisa.

Desta forma, reconhece-se o incontestável: existe uma relação entre participantes de uma pesquisa e investigadoras/es. E, justamente por reconhecer esta relação e que ela é permeada por questões de poder é que:

“A pesquisa feminista tem especial preocupação com o lugar do/a investigador/a na relação com os/as participantes e com o impacto da investigação nos/as participantes da pesquisa” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 651)

Pesquisas que dialogam com o Feminismo Negro como perspectiva epistemológica, por exemplo, reconhecem que a pesquisa não fala sobre um outro distante e alheio, mas sim compreende o/a investigador/a como sujeito ativo do processo e nega uma compreensão essencialista e universal da categoria mulher (CARDOSO, 2017).

Visto que, mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (CARNEIRO, 2003).

Assim, epistemologia a partir do ponto de vista das mulheres negras é uma forma de resistência e confronto às práticas dominantes de conhecimento. Buscar afastar qualquer proximidade com uma compreensão essencialista e restauradora de uma natureza feminina (CARDOSO, 2017).

Como pontua Grosfoguel (2010), essa perspectiva dá base a construção de conhecimentos formulados tendo por referências experiências, concepções e cosmovisões dos sujeitos subalternizados.

É possível recorrer a Conceição Evaristo (2005), para situar a potência reflexiva e política da produção acadêmica situada a partir do lugar das mulheres negras. Para ela, no processo de escrita “surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 205).

Num contexto social de desigualdades históricas legitimadas e perpetuadas pelo campo científico, pode-se compreender a

pesquisa acadêmica como um instrumento de resistência em um campo em disputa.

Burns e Chantler (2011), situam que a investigação feminista parte da premissa de que a pesquisa é um projeto político, por isso deve considerar as relações de poder na produção de conhecimentos.

Nessa perspectiva, é de suma relevância a construção de pesquisadas implicadas com os fenômenos sociais, mas também construídas e protagonizadas por minorias sociais que historicamente foram objetificadas pela Ciência, como aconteceu com as mulheres negras, por exemplo.

Como pontua bell hooks (1995), muitos intelectuais, em sua maioria homens brancos, tomaram o Negro como objeto de estudo desde o século XIX. As mulheres negras eram invisibilizadas nos discursos hegemônicos e quando passaram a ser objeto das “positividades” ocidentais, o foram por meio de teorias que as associavam ao mundo da natureza.

Temos como exemplo histórico Sarah Baartman, jovem de origem sul africana que foi vendida como escrava e posteriormente usada como objeto de estudos científicos, dando base a produção da raça como categoria científica, na França do século XIX por Georges Cuvier.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Partes do corpo de Sarah, como o diâmetro milimétrico dos orifícios do nariz, extensão dos pequenos lábios vaginais e a circunferência craniana foram analisadas e expostas publicamente em nome da Ciência Positivista europeia. O corpo de Sarah foi exposto ao público em feiras e prostíbulos e, depois de morta, em um museu, onde sua genitália conservada em formol podia ser vista por quem visitasse o Museu do Homem, em Paris até anos após sua morte (PELÚCIO, 2012).

Diante de cenários científicos historicamente desfavoráveis para as mulheres, sobretudo mulheres negras, o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação. É fundamental para os esforços das pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passam de objeto a sujeito, à medida que descolonizam e libertam suas mentes (bell hooks, 1995).

De modo semelhante, Márcia Tiburi (2018) ressalta que o feminismo se inventa e reinventa a cada vez que surge uma nova feminista, a cada vez que feministas produzem o feminismo que desejam, por meio de teorias e práticas que sempre serão, por definição, inadequadas ao patriarcado.

No cenário de produção de pesquisas feministas e outras formas possíveis de

produção de conhecimentos socialmente situadas, o posicionamento crítico do/a investigador/a exige o exercício de distinção teórica e prática entre o que é familiar e o que será produzido como conhecimento.

Pois, o compromisso com a construção de pesquisas implicadas e situadas não exclui o exercício de estranhamento. De modo que, através de inquietações acerca de fenômenos familiares seja possível construir conhecimentos científicos (SCHRAIBER, 2015).

Lilia Schraiber (2015), discute a possibilidade de produzirmos, em interação com o objeto de estudos, conhecimentos que não se limitem aos entendimentos pessoais acerca das vidas cotidianas ou ao desejo de como a vida deveria ser.

A autora cita Gilberto Velho (1978), para diferenciar as noções de familiar e de conhecimento. Algo pode ser familiar e não quer dizer que seja diretamente algo conhecido, se definirmos conhecimento como a compreensão do acontecimento, fenômeno ou experiência para o qual temos uma interpretação de ocorrência ou existência social.

Lilia Schraiber (2015), alerta para que possamos evitar qualquer procedimento



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

automático negador da potência reflexiva da pesquisa. A partir dessa diferenciação é possível compreender que a pesquisa feminista, histórica e socialmente situada, não isenta o/a investigador/a da reflexividade necessária à produção de conhecimentos.

Esta não é uma das únicas preocupações do feminismo, pois um dos principais pilares que aproximam as diversas pesquisas científicas feministas diz respeito ao compromisso crítico e social em relação à produção do conhecimento, através da contestação e problematização de como os saberes são construídos (SILVA et al., 2005).

Este caráter contestador é ampliado para os processos psicossociais e as relações humanas. Segundo Paula Silva e colaboradoras (2005)

Outra característica deste tipo de investigação é que ela implica uma transformação no modo de olhar o mundo, ao exigir não só o reconhecimento das mulheres como sujeito histórico e social, mas, sobretudo, o reconhecimento das relações sociais de sexo como factor de divisão e de hierarquização da vida social (SILVA et al., 2005)

Esta característica crítica da ciência feminista foi, inclusive, um fator decisivo na inserção desse “movimento crítico” nas pesquisas das ciências sociais, pois a investigação feminista influenciou a problematização das formas de produção

de conhecimento (HILL; COLLS, 2000 apud NEVES; NOGUEIRA, 2005)

Considerações Finais

A partir destas reflexões, compreendemos inicialmente que metodologia e epistemologia não são termos que caminham separados, pelo contrário, são conceitos que caminham juntos, pois a realização de uma pesquisa a partir de epistemologias feministas corrobora com a utilização de métodos que se aproximam dos pressupostos feministas.

Discutir metodologias feministas não representa a delimitação *a priori* de técnicas ou instrumentos metodológicos, mas sim de determinados pressupostos éticos e políticos que devem ser considerados na realização de uma pesquisa feminista.

Assim, não falamos de metodologia feminista e sim de *metodologias*, pois além de se desenvolver a partir de um panorama complexo, envolve diferentes objetos que devem ser considerados quando realizamos uma pesquisa feminista.

Referências

BURNS, Diane; CHANTLER, Khatidja. **Feminist Methodologies**. In: Theory and Methods in Social Research. Sage, London, 2011.

CARDOSO, Cláudia. **Por uma Epistemologia Feminista Negra do Sul:**



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Experiências de mulheres negras e o Feminismo Negro no Brasil. 13º Fazendo Gênero e Mundo de Mulheres, 2017.

CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

EVARISTO, Conceição. **Escre(vi)(vendo)me: ligeiras linhas de uma auto-apresentação**. Texto publicado em *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. (5), 1995, p. 7-41. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>> Acesso em: 18 ago. 2018.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, V.3, nº 2, 1995, p.454-478. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>

NARVAZ, Martha Giudice.; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>> Acesso em: 10 maio. 2016, 19:54:20.

NEVEZ, Sofia.; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. vol.18, n.3, pp.408-412. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300015&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 13 nov. 2018.

PACHECO, Ana Cláudia. **A trajetória de uma intelectual negra: uma voz subalternizada?** XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)igualdades, UFBA, Salvador, 2011.

PELUCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, ISSN: 2236-532X v. 2, n. 2 p. 395-418 Jul.–Dez. 2012.

PEREIRA, Maria do Mar.; SANTOS, Ana Cristina. Introdução. Epistemologias e metodologias feministas em português: contributos para velhos e novos debates. **ex æquo**, n.º 29, pp. 9-21. Lisboa, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000100002> Acesso em: 13 nov. 2018.

SCHRAIBER, Lilia. Engajamento ético-político e construção teórica na produção científica do conhecimento em Saúde



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Coletiva. In: BAPTISTA, T.W.F;
AZEVEDO, C.S; MACHADO, C.V (orgs)
**Políticas, planejamento e gestão em
saúde: abordagens e métodos de
pesquisa.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

SILVA, Paula.et al. Acerca do debate
metodológico na investigação feminista.
Rev. Port. Cien. Desp. v.5 n.3 Porto,
2005. Disponível em: <
[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script
=sci_arttext&pid=S1645-
05232005000300012](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232005000300012)> Acesso em: 13 nov.
2018.

TIBURI, Márcia. Da misoginia ao diálogo.
In: **Feminismo em comum: para todas,
todes e todos**, pp 39-46. -4ª ed – Rio de
janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

_____. Lugar de fala e lugar de escuta:
feminismo dialógico como encontro das
lutas. In: **Feminismo em comum: para
todas, todes e todos**, pp 53-59. -4ª ed –
Rio de janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.